

Musk e Thiel declaram guerra à democracia liberal — o projeto tecnolibertário

Prometem que, graças à tecnologia, “todos terão tudo o que querem”, desafiam os limites da vida humana. Trata-se de um projeto radicalmente pós-humano, pós-liberal e elitista.



Helena Lopes

30 de Agosto de 2025, 6:52

“Ter cada vez mais lucros está no ADN dos capitalistas”, disse um conferencista há dias. E no ADN dos outros cidadãos, o que está?

Os neurocientistas mostram que comer muita gordura e muito açúcar, ter muito sexo e muito poder, e fazer um esforço mínimo está no ADN de todos os humanos, pois foram os que tinham estes traços que mais sobreviveram. O capitalismo seduziu todos os povos porque alimenta este “ADN capitalista”: um consumo crescente, pornografia gratuita, expectativas de poder, tecnologia que reduz a necessidade de esforço físico.

Mas não teríamos sobrevivido com apenas o ADN capitalista, porque para sobreviver precisamos uns dos outros. Temos também um “ADN social”: empatia e cuidado pelo outro, sentido de cooperação e de justiça, propensão para a espiritualidade. Como estes traços exigem autolimitação e algum esforço, foi necessário criar sistemas religiosos e/ou jurídicos para os consolidar, sistemas que instituem normas morais, éticas e sociais que transcendem o indivíduo. No Ocidente, o sistema que criámos foi a democracia liberal.

É precisamente a democracia liberal que os tecnolibertarianos (uso este termo porque me refiro aos *libertarians*, movimento americano distinto do dos libertários europeu) visam destruir, para impor um projeto político-ideológico baseado no

ultraliberalismo digital, projeto que, na prática, institui um poder autoritário. Trump e quem o rodeia convenceram-se de que só assim poderão ganhar a corrida contra a China. Consideram a democracia ineficiente e um entrave ao avanço da inovação tecnológica. Começaram, assim, a dismantelar as “regras e instituições de outra era”, os seus “inimigos internos”: instituições do Estado de direito, universidades, organizações científicas e sociais, todo o tipo de burocracias e regulamentações. Trump pretende decretar um “dia sem regras”; Milei destrói as regras com uma motosserra. É o triunfo do ADN capitalista.

Este verão, li alguns tecnolibertarianos: Peter Thiel, o mentor de Elon Musk e quem lançou J.D. Vance; Sam Altman, da OpenAI; o *Techno-Optimist Manifesto* de Marc Andreessen. Leituras tetanizadoras. Querem viver nas estrelas, prometem que graças à tecnologia “todos terão tudo o que querem”, desafiam os limites da vida humana. Trata-se de um projeto radicalmente pós-humano, pós-liberal e elitista.

Não se pense que o fenómeno é estritamente americano. Propaga-se pelos países europeus através das plataformas digitais e do financiamento de partidos de extrema-direita. Os Musks e os Thiels vêm à Europa difundir as suas utopias tecnológicas e capturar a imaginação coletiva.

Algo nestes autores é perturbador: não falam do trabalho. Apenas o mencionam para salientar que a tecnologia é mais eficiente e muito mais barata e que, portanto, substituirá o trabalho humano. Musk, aliás, quer generalizar um “*Universal High Income*”.

Ora, o ADN social está associado ao trabalho; surgiu da necessidade de trabalhar para todos, incluindo crianças e idosos, sobreviverem. É no trabalho e não no consumo que cumprimos regras e nos regemos por valores e normas supra-individuais. É no trabalho e nas esferas familiar e social, e não no consumo, que cuidamos dos outros e somos úteis. Trabalhar não é só produzir, é também cuidar e aprender a viver com os outros. Sociedade pós-humana, sociedade pós-trabalho; a consistência ideológica do terramoto cultural tecnolibertariano é assustadora.

A esquerda lutou, e bem, contra a exploração do trabalho pelo capital, denunciou o ADN dos capitalistas e reivindicou o aumento dos salários. Mas o vocabulário da exploração deixou de convencer. Os trabalhadores não querem ser vistos como vítimas mas sim como pessoas autónomas e capazes de agir. Querem ter voz, participar nas decisões das empresas onde trabalham

(<https://www.publico.pt/2025/03/30/opiniaao/opiniaao/enfrentar-crise-trabalho-crise-democracia-2127382>). O seu ressentimento tem sido canalizado pela extrema-direita para uma revolta contra a civilização liberal.

É ao ADN capitalista que a extrema-direita e os tecnolibertarianos apelam, pois não acreditam no ADN social. “A empatia é a fraqueza do Ocidente”, diz Musk. Prometem uma sociedade infinitamente próspera e infinitamente livre. Promessas que são um logro existencial. O consumo ilimitado conduz às catástrofes ecológicas a que começámos a assistir. A liberdade ilimitada conduz a sociedades em que imperam a barbárie e a lei do mais forte, em que só os mais ricos se poderão safar.

A lei da força está de regresso, aliás, em todas as frentes, na geopolítica, no populismo político, nas empresas, com a gestão algorítmica — mais um passo na desumanização do trabalho.

Dados os impasses a que o ADN capitalista nos leva, qual é o projeto que permite construir uma economia dentro dos limites planetários e que seja politicamente viável? E por onde começar?

Primeiro, em urgência absoluta: identificar os domínios e as formas em que se exerce a lei da força e conseguir transmitir essa informação aos cidadãos.

Segundo, criar novas instituições que consolidem o ADN social, começando pelo mundo do trabalho, porque é aí que se pode potenciar o ADN social. É hora de levar a centralidade do trabalho (não só o emprego) a sério. É necessário dirigir-se aos cidadãos enquanto trabalhadores e não só enquanto consumidores. É o trabalho que mais cristaliza os traços do ADN social, traços que condensam os valores dos trabalhadores, sobretudo dos não qualificados, desprezados pelas classes médias por não terem capital cultural.

Isso exige enfrentar o ADN capitalista, mostrar que não é no consumo que está o sentido da vida. O trabalho pede esforço e autolimitação, o consumo é o oposto. Ao cunhar o esforço como valor de direita, a esquerda esqueceu-se da importância do trabalho e do esforço para a saúde física, mental, cognitiva e afetiva, como mostram os estudos do MIT sobre os efeitos do uso da

(<https://www.media.mit.edu/projects/your-brain-on-chatgpt/publications/>)IA

(<https://www.media.mit.edu/projects/your-brain-on-chatgpt/publications/>). É

também necessário questionar a meritocracia elitista e o desprezo de classe,

comprimir a hierarquia salarial e, sobretudo, democratizar o governo das empresas. John Dewey tinha alertado: a democracia política não sobrevive sem democracia no trabalho.

O que está em curso, diz Thiel, é uma luta de morte entre a tecnologia e a política. Não é coincidência. Descartar o trabalho e a política é descartar os trabalhadores e o seu poder. Descartar o Estado e a democracia e substituí-los por uma “República digital” é obter um poder absoluto. O que está em curso, digo eu, é uma luta entre a facilidade — o ADN capitalista — e a dificuldade da condição humana. Uma luta desigual.

Neste momento de necessária reconstrução, a esquerda deve perceber os contornos deste inimigo radical. Pasmados no seu mundo digital e narcisista, os *Tech Lords* desistiram da Terra e da Humanidade. Esta é a tragédia do nosso tempo: a fuga à verdade.

Face a esta dissolução do real, insisto na lição de Simone Weil: “O trabalho é o que nos confronta com a realidade, natural e social, o que nos protege do delírio (<http://www.publico.pt/2021/05/14/opiniaio/opiniaio/protegerse-delirio-1962251>).”

A autora escreve segundo o acordo ortográfico de 1990

P

Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- Newsletters
- Alertas
- Facebook
- X
- Instagram
- Linkedin
- Youtube
- RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

- Aplicações

Assinaturas

- Edição impressa